

ENSAIOS LITTERARIOS

DO

ATHENEU PAULISTANO.

DEOS—PATRIA—LIBERDADE.

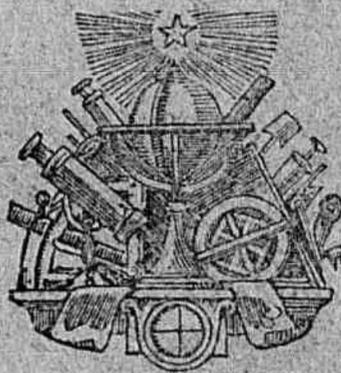
« Shall he alone, whom rational we call,
« Be pleased with nothing, if not bless'd with all ? »
POPE.

2.^a Série.

Setembro de 1862.

N.º 13.

ANNO XI.



S. PAULO.

TYPOGRAPHIA LITTERARIA.—RUA DO IMPERADOR N. 12.

1862.

Rio de Janeiro.

FUNCCIONARIOS
DO
ATHENEU PAULISTANO.

1862—1863

PRESIDENTE HONORARIO.

O Exm. Sr. Dr. João da Silva Carrão.

PRESIDENTE EFFECTIVO.

O Sr. José da Silva Costa.

VICE-PRESIDENTE.

O Sr. Antonio José Gonçalves Bastos Junior.

1.º SECRETARIO.

O Sr. José Carlos Rodrigues.

2.º SECRETARIO.

O Sr. Luiz Francisco da Fontoura Lima.

ADJUNCTOS.

Os Srs. : Urbano Sabino Pessoa de Mello Junior.
Olympio da Paixão.

ORADOR.

O Sr. Florencio Carlos de Abreu e Silva.

THESOUREIRO.

O Sr. Custodio José da Costa Cruz.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

Os Srs. :

Presidente—Felipe Franco de Sá.

Secretario—José Joaquim Pessanha Póvoa.

Luiz Fortunato de Britto Abreu Souza M. Junior

B.º Luiz Ramos Figueira.

Manoel da Cunha Lopes Vasconcellos.

Antonio Gonçalves de Carvalho.

ENSAYOS LITTERARIOS

DO

ATHENEO PAULISTANO.

DEOS—PATRIA—LIBERDADE.

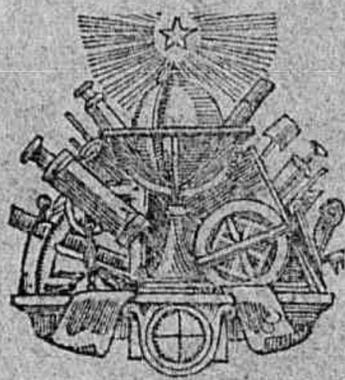
« Shall he alone, whom rational we call,
« Be pleased with nothing, if not bless'd with all ? »
POPE.

2.^a Série.

Setembro de 1862.

N.º 13.

ANNO XI.



S. PAULO.

TYPOGRAPHIA LITTERARIA.—RUA DO IMPERADOR N. 12.

1862.

Rio de Janeiro.

FUNCCIONARIOS
DO
ATHENEU PAULISTANO.

1862—1863

PRESIDENTE HONORARIO.

O Exm. Sr. Dr. João da Silva Carrão.

PRESIDENTE EFFECTIVO.

O Sr. José da Silva Costa.

VICE-PRESIDENTE.

O Sr. Antonio José Gonçalves Bastos Junior.

1.º SECRETARIO.

O Sr. José Carlos Rodrigues.

2.º SECRETARIO.

O Sr. Luiz Francisco da Fontoura Lima.

ADJUNCTOS.

Os Srs. : Urbano Sabino Pessoa de Mello Junior.
Olympio da Paixão.

ORADOR.

O Sr. Florencio Carlos de Abreu e Silva.

THESOUREIRO.

O Sr. Custodio José da Costa Cruz.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

Os Srs. :

Presidente—Felipe Franco de Sá.

Secretario—José Joaquim Pessanha Póvoa.

Luiz Fortunato de Britto Abreu Souza M. Junior.

B.º Luiz Ramos Figueira.

Manoel da Cunha Lopes Vasconcellos.

Antonio Gonçalves de Carvalho.

ENSAIOS LITTERARIOS

DO

ATHENEU PAULISTANO.

2.^a SÉRIE. SETEMBRO DE 1862. N.º 13.

ACTA

da Sessão Magna do Atheneu Paulistano em 7 de Setembro de 1862.

Presidencia do Sr. Silva Costa.

As 5 horas e um quarto da tarde, na sala do costume, que se achava decentemente ornada, perante um concurso não pequeno de pessoas illustradas, que se dignarão comparecer, e grande numero de socios, depois da orchestra tocar o Hymno da Independencia, o Sr. Silva Costa, dignissimo Presidente effectivo abriu a sessão com um discurso e entusiasticos vivas ao dia 7 de Setembro, á Nação Brasileira e á Constituição do Imperio, e deu a palavra ao distincto Orador da Associação o Sr. Florencio Carlos de Abreo e Silva. Em seguida orárão os Srs. Carlos Thompson Flôres, como Orador do Ensaio Philosophico, Luiz F. de Brito, como Orador do Culto á Sciencia, Theodomiro Alves Pereira, como Orador do Club Scientifico, Bacharel Luiz Ramos Figueira, como Orador do Recreio Instructivo e Bacharel Candido José Rodrigues Torres, como Orador do Instituto Scientifico, que em seus eloquentes discursos manifestarão os nobres sentimentos, que nutrem as Associações, de que são dignos órgãos, para com o Atheneu. Terminados os discursos officiaes orou o Sr. Antonio Luiz Ramos Nogueira, e sendo saudados pelo Orador da Associação os diversos Oradores das dignas Associações, que representavão, encerrou-se a sessão as 7 horas da tarde.

Sala das Sessões do Atheneu Paulistano aos 13 de Setembro de 1862.

O 2.º SECRETARIO,

L. F. da F. Lima.



DISCURSO

recitado pelo Orador do—Atheneu Paulistano—em a Sessão Magna do dia 7 de Setembro de 1862.

MEUS SENHORES.

Aos ultimos raios do sol do seculo XVIII—descambando para as sombras de seu occaso, ficava gravada no coração dos povos uma esperança de futuro; e a aurora de nosso seculo, saudada pelo estampido dos canhões francezes que enfumaçavam a Europa inteira, foi a nuncia augusta de uma epocha gloriosa de vãos para o pensamento, de victorias para a liberdade, de conquistas para o progresso!

Chamma radiante de iris bonançosos, aclareára os destinos grandiosos que tinham de realisar-se neste estadio da humanidade; em seu seio magestoso trazia já o germen fecundo de todos os acontecimentos, de todos os grandes feitos, que temos visto desdobram-se aos nossos olhos.

—Porém mais do que os descobrimentos do genio, mais do que as conquistas, mais do que os acontecimentos—ella deixára bruxolear—por entre as angustias de uma luta de gigantes—a luz da regeneração social, a era da liberdade!

E pallida em seu alvorecer essa luz tem crescido sempre, revive e mais brilha!

Consultae os signos dos tempos. Auras perfumadas embalsamam os ares: precursoras festivas, deixam antever os altos destinos, que se vão a cumprir. E os peitos dos livres se dilatam em suas aspirações generosas!

Por toda parte a fermentação das ideias se expande; o pensamento, que não ha canhões, que o destruam, que não ha fogueiras, que o queimem, nem masmorras, que o extinguam—se agita como um fio electrico de um ponto á outro da terra; de Waterloo á Solferino, e de Solferino á Gaeta! O despotismo vacilante e tremulo—é como um velho monumento, que os tempos gastaram e se desprende em ruinas!

Cada dia, que passa, é um pedaço, que se desaba, uma murada, que se esbrôa; cada momento do tempo aponta uma franquía alcançada, uma liberdade adquirida, uma independencia conquistada!

—Não vêdes essa elevação d'alma, que succede ao abatimento moral, esse desejo de um horisonte mais bello, que corrôe o coração da humanidade inteira?

E' que não perdura eterna a escravidão dos povos, nem se eschoam perdidas as lagrimas do martyrio!

Atravessae os tempos, que se sumiram, desdobrae as paginas dessas grandes tradições, fallae ao guerreiro grego e ao principe do senado romano...

Neste dia de liberdade entreguemo-nos a estas recordações: a lembrança da escravidão já finda, dos grandes exemplos aviventam a ideia da regeneração no presente, fortalecem a alma nas esperanças do porvir, e inspira-nos a gratidão aos heroes, que já dormitam em suas lousas!

Quanta angustia encobre o véo do passado! quantas palpitações entusiasticas—desfallecidas! quantos pensamentos elevados afogados em ondas de sangue!

Vêde, mas não estremeçaes diante do espectaculo!... Os povos tem-se arrastado quasi sempre por entre soffrimentos sem fim—em meio de uma noite sem estrellas, de um céu sem côres!

Os pretendidos enviados de Deos fazem arar-lhe as faces as lagrimas do padecimento, entristecer-lhe a vida, a ignorancia e a miseria.

Além é uma raça a escravisar outra trazendo de rojo os despojos dos vencidos—pobres victimas dobradas ao peso da prepotencia e da tyrannia, que são levadas aos mercados de carne humana, e compradas para irem estorcer-se de magoas no poste dos ergastulos ou serem estranguladas pelas garras das feras, ao ruido das vozerias infernaes dos ebrios espectadores dos circos!

E seculos e seculos se passam sem parada, sem alivio! Ora, é o feudalismo e seus barões, que afogam a intelligencia em noite de trévas e vão arrancar dos albergues do misero servo a ultima migalha do sustento para enriquecer as mesas dos convivas, que tripodiam nas orgias!

Ora, é a theocracia, que rasgando as paginas do evangelho, esquece a palavra do horto das oliveiras, a lei do Calvario e renega a humildade, que foi a força da grandeza do apostolado, a abnegação, que foi a aureola de sua magestade!

Propagadores da paz—conduzem cruzadas a exterminar povos inteiros com a mais cruenta carnificina; desenterram cadaveres para reduzil-os á cinzas nos *autos de fé*, ou lançam nas fogueiras milhares de victimas de suas ambições occultas.

Sacerdotes do amor e da fraternidade encarceram a sciencia e o genio, sellam o pensamento e fazem estremecer as abobadas do Vaticano ao som de suas maldições a todo passo do progresso!

Ora, é a realeza só, poderosa e seus faustos, seus escandalos, seus despotismos, seus Haynau, seus Radetzky.

E' sempre victima o povo: carregado de impostos e de miserias, esquartejado, crucificado, encorrentado e nem uma estrella de esperança, que lhe sorria nesse martyrio de vida, e muitas vezes, como os escravos da Laconia, tem ainda que fingir lagrimas e desolações no funeral de seus algozes!

Mas scintilla viva da divindade, a ideia não morre, nunca! Perseguida ou trahida, subindo os degraus dos patibulos, ou descendo as lages das masmorras, esquecida ou errante revive sempre brilhante atravez das ruinas dos palacios, dos europeis, que se desfazem e como o Ashavero da fabula, caminha sem descanso: é uma cadeia, que se prende do *fat lux* da criação ao dia final: é o legado, que passa de geração em geração, de idade em idade.

O sangue ou o soffrimento a tornam mais futil ou mais poderosa! Um dia porém ella se desata das pês, que a prendem e o anjo da liberdade, esvoaçando festivo nos espaços, desata com seu sôpro de raios ethereos as cadeias do despotismo!

Da Patria Washington partira o primeiro brado de Washington, que fôra esturgir tremendo na Europa; os hymnos entoados nas plagas americanas tiveram echos sonoros além do Atlantico, e então surgiu esse facto portentoso da vida da humanidade—tornado de sangue, mas rico de gloria; entremeado de desvarios, mas verbo grandioso de todas as libertações.

Se ahi houve muita victima imolada em holocausto a liberdade, lamentae, Srs., a contingencia da obra humana; mas não amaldiçoeis, não lanceis o anathema aos heroes, que prepararam o caminho de nossas victorias, que lançaram a semente das ideias aos ventos do futuro!

—E qual é, Srs., por entre as paginas mais brilhantes das tradições dos tempos já findos, qual é o quadro mais grandioso em que não se projecta uma sombra?

Eu ouço sempre vozes de maldição ás revoluções, que surgem do povo, mas porque não estigmatizaeis primeiro as que descem do alto?

Porque chamaes o horror sobre 89 e cantaeis hymnos a 2 de Dezembro de 52? onde houve mais atrocidades?

E' que o povo não póde dispensar titulos, nem grandezas, nem brazões!...

E' que o povo bem poucas vezes tem sido a divindade do dia....

E quem são os mais culpados? os que são arrastados pelo grito do desespero, pela voz da indignação — por seculos amontoada atravez dos soffrimentos; ou os que esmagam a liberdade, encadeiam o pensamento e vão incendiar com o archote do morticínio as lavas do volcão? Quem são os mais culpados?

O pensamento foi grandioso, os meios não corresponderam-lhe.... passa.

Mas além desponta essa figura titanica encarnação viva do genio — a conduzir as phalanges gloriozas dos filhos da Republica, descalços, sem pão nem abrigo, delirantes ao som da marselhesa para irem morrer em sólo estranho, sem ao menos poder lançar o ulti-

mo olhar ao céu da patria: martyres tambem, mas martyres gloriosos que foram desfraldar ao som dos gritos de guerra o estandarte da liberdade por toda a parte onde havia um povo escravizado; arar por entre as fumaças dos combates e os gemidos dos feridos os campos onde tinham de germinar os principios da revolução—a regeneração dos povos.

.
Aqui é a terra do Amazomas, arrancada pelo acaso ao seio das ondas, e lançada nos braços da ambição e do egoismo:—genios das trevas que a opprimem e a esmagam sem alivio, sem conforto! E os filhos das selvas não tem mais um abrigo, nem cabanas onde vão dedilhar um cantico pelas glorias passadas; um canto onde recostem seos arcos e emplumadas aljavas ricas de victorias; um pouco de argila onde façam descansar as cinzas dos seos heróes!

Escravisados, perseguidos como feras bravias, não se lhes dá direito á dignidade humana. Para chamal-os a luz da civilisação matam-lhes todos os sentimentos d'alma, para baptisal-os na religião do amor da igualdade arroçam-lhes os pulsos com cadeias!

Como esses tributos de outr'ora aos crentes de Mahomet, eram suas virgens sacrificadas ao furor dos conquistadores!

O filho da colonia tambem desnudado e esquecido entre a terra que rega com o suor de sua fronte e o arbitrio dos governadores, outros Ajossas de um tempo mais remoto.

Seus direitos.... oh! se os tinham ou erão calcados, ou seus reclamos erão abafados pelo ruido do oceano antes de chegarem aos ouvidos da metropole! E se alguma vez lhe ecoa n'alma a voz da liberdade, rola-lhe a cabeça nos degraus do cadafalso ou vão definhar nas dores do exilio, na angustia do suicidio!

Mas lá enfim despontou tambem a nossa hora de libertação, o anjo da liberdade atravessando a amplidão dos mares veio poisar na fronte do gigante americano.

O verbo de Deos baixou a terra e a filha de Cabral recebeu o seu halito celeste!

As auras do Brazil receberão tambem a semente das ideias.

O sangue de Tira-Dentes e de tantos outros martyres não se deramou em vão, foi a seiva enrubecida que fecundou a terra!

Eil-o lá desponta o astro luminoso a irradiar nas campinas Brasileiras.

Salve astro bemdito, em tua ascenção gloriosa, salve!

Em jubilosa recordação, Senhores, a mocidade do Atheneu Paulistano vem saudar o grande dia da Patria. A mocidade que é livre, que é independente, que está na altura de comprehender e apreciar os soffrimentos do passado, as aspirações do futuro, e esquecer as vozes sinistras que se projectam nas trevas, não devia deixar de vir entoar nas aras da liberdade um cantico de saudação

depôr uma homenagem aos heróes e martyres que nò-la legaram.

Mas o Atheneu vem ainda saudar o alvorecer do seu 11º, anniversario. Moços pollulando-lhes na frente tudo quanto é ideia nobre, grande e santa misturão aos canticos patrioticos as harmonias ao progresso do desinvolvimento intellectual, dos esforços para a instrucção. Em sua bandeira que é o simbolo de sua fé, a biblia de suas crenças, collocaram a inscripção que falla a todas as fibras d'alma, a todas as pulsações do coração: *Deos, Patria e Liberdade.*

E, Senhores, filhos do povo cumpre-nos zelar de seus feitos, guardar intactas suas glorias. Desta tribuna onde evoco as tradições gloriosas do passado, eu devo tambem protestar contra a expoliação que se quer fazer de uma gloria do povo, para irem entregal-a es mãos da realza!

Antes de nós outros protestaram tambem, mas não importa. Quando se trata de resguardar o honra de uma nação inteira, disse-o já um escriptor brasileiro, nunca será perdido um empenho, nunca será de mais um esforço.

Não é politica, Senhores, é uma questão de historia; a não ser assim eu não a agitaria aqui.

A independencie, Senhores, é obra do povo e só do povo; os louros immorredouros dessa cruzada não podem ser arrancados da frente de nossos paes, para irem engrinaldar a corôa dos principes! Pensaes vós por ventura que todas as legiões de Portugal, todos os raios de seus reis, serião em dique para conter os nossos vóos de liberdade? Enganae-vos: o povo levantou-se como um colosso e no delirio do desespero esmagaria com o pezo de sua maça o que ouzasse embargar-lhe o caminho!

A revolução nas ideias estava feita; a cadeia dos acontecimentos a realizarião!

E no meio desse turbilhão, nessa obra commum ha sómente dous vultos que se destacão, vultos proeminentes diante dos quaes devemo-nos curvar hoje agradecidos como os principaes heróes de nossa independencia: o martyr do patibulo e exilado, Tiradentes e José Bonifacio; ou o pensamento e acção, a ideia e a realisacão!

A liberdade, Senhores, parodiando o bello pensamento de Blanc, é como o sol; deixae que todos possuão contempla-la de perto e ficarão offuscados aos fulgores de seus raios. Assim aconteceu ao principe: diante da liberdade que se expandia de todos os peitos, teve que ceder as suas ambições de rei, adia-la para tempos mais propicios. Mas não foi elle o seu fantor, não foi o *heróe legendario*! Vêde as tradições desses tempos, consultae os memoraveis cantos ao manarcha luzitano, essa declaração ao Congresso e respeitae os direitos da nação!

Por um throno que se alluia, por um sceptro já sem brilho, não era muito que se seguisse uma revolução que daria uma corôa esplendida, um imperio vasto de um futuro attestado pela magestade de nossa natureza, pela grandeza de nossos rios!

Não, Senhores, D. Pedro não é o symbolo da independencia.

E não queiraes comparal-o, vós que o acclamais, a uma matricida que affoga em sangue o filho ao sabir-lhe palpitante das entranhas! Venerae-o tambem em seu coração.

Quem sente as aspirações ardentes da liberdade a escaldar-lhe a fronte não procura extinguir-lhe a chamma, encadea-la ao arbitrio, matar na nação o sentimento do direito; triste loucura, Senhores porque na phrase brilhante do poeta desterrado será mais facil arrancar um rochedo do fundo do oceano, do que o sentimento do direito do coração do povo!

Eis porque cahiu, eis porque desceu do alto de um throno para o convéz de um náo de guerra n'um dia glorioso para a Nação: reflexo brilhante do da independencia.

Saudemos pois o dia do povo e só do povo e não façamos como os convivas ébrios dos banquetes dos Cezares que nodoavão as corôas mais virentes do seu passado gigante com a baba da lisonja!

Entretanto, Senhores, enquanto se alevão ao céu em nuvens de incenso as graças pela liberdade nos canticos dos sacerdotes; enquanto aqui hoje, hontem levados pelas ruas em extase ao som dos hymnos, entregamo-nos a enthusiaslicas recordações e nossos labios sê exprimem liberdade, reparae: a nosso lado se levanta um espectro livido, impresso na fronte o ferrete da ignominia, dilaceradas as carnes pelas machinas de accoutes,—a derramar uma lagrima de maldição em meio de nossas festas, um gemido de dôr por entre nossas alegrias! E esse espectro, Senhores, enquanto nós cantamos independencia, elle só pôde dizer—escravidão!

Não é declamação, Senhores, não é que eu queira, na phrase de Parodal impôr ao *Pharaó* a libertação do povo de Israel; não é que en queira fazer apparecer n'um dia o que só pôde ser obra de annos, nem concitar á revolução as turbas escravizadas! Não, Senhores, mas entendo que quando fallamos de liberdade, devemos fazer votos para que chegue emfim o termo deste escandalo ao seculo 19, deste attentado ao Direito!

Quando viemos aqui celebrar o anniveesario do dia glorioso em que quebramos os nossos ferros, não é possivel que uma só vóz não echoe em prol d'aquelles, que filhos muitas vezes desta mesma terra, não pôdem como nós regozijar-se pela sua regeneração!

E quem deixará de lamentar, Senhores, que até hoje se não tivessem empregado todos os esforços, para que a abundancia dos braços livres possa por si dispensar o escravo e assim sem estrepito quebrarmos os ferros da escravidão e assentarmos em ver-

dadeiras bases o desinvolvimento das forças desta natureza grandiosa! Quem deixará de lamentar, que em quarenta annos de vida *livre*, n'um paiz de liberdade—se consinta e se não tenha até hoje decretado a libertação de todos que vissem a luz da vida de baixo deste céu?

Povo é hoje o teu dia, vinde no abatimento em que vivea, acercar-vos aos raios deste sol generoso, receber novo baptismo em sua luz etherea; vinde diante do altar da patria derramar uma lagrima pelos que ainda soffrem, rememorar os feitos d'aquelles que nos legaram a liberdade e jurar-lhes que não esquecesteis suas lições, nem seus sacrificios, nem seus votos, nem suas aspirações; vinde e que vosso juramento seja um protesto contra o presente e um apello ao futuro!

S. Paulo, 7 de Septembro de 1862.

Florencio Carlos de Abreu e Silva.

JURISPRUDENCIA.

DIREITO ADMINISTRATIVO.

Codificação das leis administrativas.

L'amélioration et le progrès des législations par les Codes est un fait important dans l'histoire de la civilisation des peuples.

PORTALIS—*Discours sur l'utilité de la codification.*

Uma das inconsequencias que manam da Eschola historica, é a propaganda da inutilidade dos codigos.

Abandonai o povo á consciencia dos seus costumes, deixai ás necessidades de todos os dias o impulso das medidas legislativas, venerai os seguros instinctos dos povos e a codificação será dispensada: tal parece ser a linguagem da Eschola historica.

Contra esta doutrina tem silenciosamente protestado o testemunho de muitos seculos. Muitas nações abraçando os systema da co-

dificação claramente patenteiam a necessidade que em todos os tempos se fez sentida de fazer face aos obstaculos oriundos da falta do espirito de unidade, que só pôde ser realisado pelos codigos.

Accitar a doutrina da Eschola historica é abdicar, na phrase de Lerminier (1), a iniciativa da razão, é, para escapar ao escolho de violentar os costumes, cahir na escravidão da rotina. Se é certo que a lei deve ser accessivel aos que nella quizerem lèr a regra que lhes deve pautar os actos; se a lei deve ter sua primordial base na consciencia de todos, como é licito crêr-se que as leis sem serem codificadas, sem serem portanto ungidas do *espirito do methodo* preenchem os fins providenciaes para que são promulgadas? A doutrina que impugnamos propende para o restabelecimento do obsoleto prejuizo, que fazia laborar em escuro mysterio —o Direito.

Com effeito, se outr'ora, só aos iniciados era dado penetrar no portico do Direito, fechadas as portas aos que lhe eram estranhos, não equivalerá á pratica absurda d'aquelles tempos o querer-se conservar hoje as leis por que se regem os povos em um labyrintho de difficil ádito? Assim o crêmos.

A ausencia de codigos ainda produz outros males de funestas consequencias. Esparsas as leis, sem o collorido da homogeneidade, sem o nexo que as ligue, não faltará quem se aventure á empresa temeraria do embuste, falsos servidores dos interesses alheios tornar-se-hão os ministros da má fé e a justiça social conculcada cederá seu augusto throno ao desregramento das paixões. O principio, portanto, da codificação é eminentemente salutar, porque não é ella mais do que a consagração da harmonia e da ordem, elementos vitaes do desenvolvimento progressista. A palavra codigo, diz Saint Albain (2), implica uma idéa de adiantamento entre os povos: é a ordem que succede á confusão e a civilização á barbaria.

Provada a necessidade da codificação vejamos se esta necessidade é extensiva ás leis administrativas.

Se no dominio da ordem civil e criminal litigiosa é a questão da codificação, maiores proporções toma a lucta quando a consideramos debaixo do ponto de vista mais particular da administração.

Como quer que seja, adeptos do principio civilizador em quaesquer condições e circumstancias de sua realisação pratica, tambem pronunciamo-nos advogados da idéa da codificação das leis administrativas. Um dos argumentos que sóem apresentar os avêssos á codificação administrativa é o que adduz Serin (3); entende este

(1) Philosophie du droit.—L. v. ch. III p. 446.

(2) Garnier Pagés—Dict. pol. art. code.

(3) Revue critique de droit. français et étranger 2. livraison p. 203.

escriptor que este código não teria certamente senão ephemera existencia, sem jámais ser terminado nem permanente, ficaria indubitavelmente sujeito a retoques successivos: com effeito, ainda quando a civilisação houvesse attingido ao inaccessible ideal do progresso, sem se tornar estacionario, ella tenderia ainda para a illusão deste mesmo progresso.

Não ignoramos que a materia administrativa não se presta á immobilitade relativa da ordem civil, é certo que o código administrativo que houvesse de acompanhar as menores oscillações da administração seria illusorio; mas o que não é menos exacto e evidente é que o código administrativo não desceria da generalidade de seus preceitos até pôr-se em contacto com as minuciosidades momentaneas e de pouco interesse, proprias da attribuição regulamentar.

Váe differença notavel entre o que constitue materia íntima que a sciencia aconselha dever ser da competencia do código e aquillo que é por sua natureza transitorio e accidental.

Na sciencia administrativa, observa Solon (4), ha tres cousas cuja apreciação respeita á sua intelligencia e a seus progressos, a saber: *os principios da administração* em geral; estes principios são communs a todas as sociedades: *o direito administrativo*, que organisa os poderes de cada povo, e que em vista dos principios geraes da administração, regula os direitos e as obrigações destes poderes para com os membros da cidade; em fim *as relações* mais ou menos íntimas que existem entre as leis relativas de cada paiz e as obrigações encerradas nas leis immutaveis e sagradas da sciencia da administração em geral; ora, se o direito administrativo como sciencia, assenta em syntheses necessarias e absolutas que o seu respectivo código devia tirar a limpo em suas disposições sob pena de subordinar-se a base fundamental da sciencia do direito administrativo á influencia das variadissimas vicissitudes, não se pretenderá, por certo, que o código administrativo é impossivel porque tem de acompanhar os movimentos dos mais simples interesses da administração; e qual será aquelle systema de leis que dê em resultado a prevenção de toda a eventualidade que escapa por sua natureza aos mais bellos e precisos planos do legislador?

Particularise-se como se quizer a letra da lei, suas previsões ficarião sempre áquem de milhares de occurrencias, que só poderão ter solução em frente do espirito que dominar um bom systema de codificação.

Reduzidas as proporções do código administrativo a seus legitimos limites, desaparece o inconveniente que apparentemente parece impossibilitar a obra do progresso.

(4) Code administratif introd. p. XI.

Não pretendemos, entretanto, relevar observar, que o código administrativo tenha o caracter da perpetuidade; entendemos que a tradução do ideal do progresso deve verdadeiro satellite, seguir a rotação do planeta a que sentripotamente se acha ligado.

E' tempo, portanto, de melhor direcção imprimir-se no estudo da nova sciencia do direito administrativo, melhor face recebendo a legislação administrativa, reduzindo a um verdadeiro systema de codificação as leis administrativas, com o que se removerá um dos obstaculos que, segundo Macarel (5), tolhe a maior cultura deste importante ramo de direito—a multidão e incoherencia das leis administrativas; no que abunda Chauveau Adolphe (6), quando assim se exprime: «o direito administrativo é susceptivel de revestir o estado de sciencia, de marchar com suas theorias, seus principios incontestaveis e de apparecer a todos tão simples como as outras partes da legislação.»

Entre os povos cultos apenas Portugal promulgou um código administrativo.

O nosso estado de cousas é tão atterrador que a codificação das leis administrativas que existem entre nós seria um grande passo para a civilisação, e teria dirruído a *rudis indigestaque moles* da nossa administração.

José da Silva Costa.

DAS RAÇAS HUMANAS.

II

Dissemos que o mais forte argumento dos unitarios para provar a unidade da especie, por meio de desviação do typo primitivo, baseava-se sobre a negação das raças hybridas e da possibilidade de sua reproducção. Vejamos pois o que sejam taes raças, e se os argumentos de Prichard e dos unitarios podem prevalecer sobre os dos polygenistas.

Prichard determinando as especies explica assim o phenomeno dos hybridas (22):

Reconhecendo-se a existencia de differenças palpaveis entre especies de animaes e vegetaes, ou quando essas differenças não são

(5) Tribuna administrativa—nº 239.

(6) Principes de periot. et compet. administ. introd. p. XIV.

(22) Prichard—Obra cit. Sect. 4, pag. 15.

tão características, como as primeiras, para se decidir immediatamente que estas especies pertencem a um genero commum, muitos meios ha para resolver a questão. Entre estes, um que os naturalistas preferem, é reconhecer-se a existencia dos factos que compoem o phenomeno dos hybridas. Ora, é este phenomeno que Prichard nega, ou admittindo-o por hypothese, conclue ainda a unidade de especie humana.

Com effeito, pensa elle, é evidente que, tanto no reino vegetal como no animal, as especies se reproduzem e se perpetuam, sem se confundirem. A natureza mesmo quer que uma especie se propague, mas não propague outra. Uma especie intermediaria, procedendo de duas inteiramente distinctas, seria uma anomalia manifesta; e se ellas pudessem, sem obstaculo, se reproduzir, desappareceria a diversidade que se observa tanto no reino vegetal como no animal; ou produzir-se-hia uma confusão universal no meio da qual seria impossivel ou ao menos difficil se reconhecer os typos de algumas raças ainda puras e sem alteração. Assim, para que se obtenha a conservação das especies e a natureza mesmo o indica—não pôde haver reprodução e propagação senão entre raças iguaes, e não entre intermediarias resultantes de duas distinctas.

Ora, as raças hybridas são justamente aquellas que procedem de duas especies distinctas. Estas tirão a faculdade de reprodução e propagação, condições de existencia d'essa especie?

Prichard lh'as nega.

Porque, abstrahindo de alguns factos isolados que como taes não pôdem constituir uma regra geral e fixa, os individuos resultantes de duas raças distinctas são feridos de esterilidade, como demonstram os factos e o exame dos orgãos geradores. Este argumento—base principal do systema unitario, parece decisivo a muitos physiologistas. (23)

Mas, continúa Prichard, concedendo a existencia das raças hybridas, concedendo-se-lhes mesmo a faculdade de reprodução e da perpetuação—qual a consequencia? é como determinam as leis da geração e da reprodução do reino animal, que ellas procedem—não de especies distinctas, como se quer vêr nas diversas variantes reconhecidas no genero humano, mas sim de um tronco commum; e ainda nesta hypothese se comprova a unidade da especie humana.

Gobineau, depois de enumerar alguns systemas que verificam no genero humano origens multiplas, mostra em como estas differenças ethnicas são permanentes.

Os unitarios querem que todas as raças humanas descendam

(23) Berard. cit. por P. Remusat. Cours. de physiologie, 3 vols.

d'um tronco commum, que o colorido da pelle, a diversidade da organisação physica, etc., provenham não da existencia de muitas raças que pela sua união produzissem hybridas, mas sim e unicamente que taes variações sejam devidas á mudanças de climas, a um systema de vida particular, a causas exteriores e accidentaes, emfim.

Uma consequencia resultá desta theoria, é: que houve um tempo, ant'historico—pouco importa, em que todas as raças offereceram caracteres communs entre si—a mesma côr no colorido da pelle, a mesma organisação physica, as mesmas aptidões intellectuaes e moraes. Esta igualdade desapparecendo com as mudanças climatericas, com a vida particular que levaram os povos, com os alimentos de que se sustentavam, etc., differenças tornadas cada vez mais profundas foram separando e distinguindo as raças humanas entre si. O colorido da pelle variou; appareceram então as raças brancas, pretas e amarellas e as suas innumeras variantes; appareceram as diversas conformações do cranêo, da organisação physica, emfim, do homem. Mas através desta multiplicidade de variantes sobresahe o principio da unidade da especie.

Os factos, porém, comprovam esta theoria? Vejamos.

Em primeiro lugar pelo lado das tradições biblicas é mister convir, como já observamos, que Adão e Eva são os auctores da raça branca—pois que os povos que descenderam delles incontestavelmente erão povos brancos. Mas como tirar-se daqui a conclusão que todos os povos que não são brancos partem do mesmo tronco, tiveram a mesma origem? E' querer-se forçar o pensamento dos primeiros redactores das genealogias adamitas (24). Com effeito os textos nada dizem sobre as raças amarellas; e como Gobineau depois prova, a côr preta attribuida pela Biblia aos descendentes de Cham, é arbitraria. Os traductores e commentadores dos textos santos, querendo depois affirmar em como tudo que traz o nome de *homem* procede de Adão, comprehenderam nas familias de seus filhos o complexo dos povos que vieram depois (25). Assim, como já observamos, os descendentes de Japhet deram origem ás nações europeas os de Sem povoaram a Asia anterior, os de Cham as regiões africanas:—mas os americanos, mas os habitantes, do resto do mundo (26)?...

Isto para provar mais uma vez como pelos textos da Escripura é duvidoso sustentar-se a unidade da especie humana.

Mas, dizem os partidistas da unidade, entre especies distinctas não pôde haver crusamento, e caso haja o resultado são monstros

(24) Gobineau, obra cit. vol. 1. pag. 198.

(25) Idem, obra cit. vol. 1. pag. 124.

(26) Idem.

ou individuos feridos de esterilidade. E para comprovar esta asserção elles appellam para a ordem do reino vegetal e para a das especies animaes; verificam alguns casos e concluem que na especie *Homem* não pódem existir as raças hybridas.

Porém, Remusat já o havia notado, e depois d'elle Gobineau e outros. O que se deve entender por especie (27)? Já vimos que Prichard mesmo confessára que esta palavra com o correr dos tempos havia soffrido modificações—o isso pela dificuldade de verificar-se os individuos que deviam ser classificados n'uma especie e não em outra; e esta classificação requeria uma experiencia feita em grandissima escala, e semelhantemente a da união das especies distinctas e da sua possibilidade ou impossibilidade de reproducção.—Por isso, observa Remusat e Gobineau—não é abusar do argumento, quando a experiencia feita no reino vegetal e animal é tão limitada, quere-lo applicar como regra geral, á especie humana?

Flourens sustentou que o caracter distinctivo que determina a existencia d'um genero é a fecundação; e que todas as raças humanas podendo se crusar, é isso uma prova irrefragavel de que todas ellas partem d'um tronco commum. Já antes d'elle Buffon disséra que os animaes que não produzem mestiços fecundos pertencem a especies distinctas; emfim muitos outros naturalistas sustentaram e sustentam este mesmo principio, isto é, que a aptidão para a geração prova a identidade da especie (28).

Assim o *criterium* da especie é a fecundação, e para as unitarios, as differenças physiologicas, differenças ethnicas permanentes observadas nos grupos humanos, são devidas unicamente a accidentes a circumstancias externas que em nada alteram o principio da unidade da especie. Remusat duvida deste criterium.

Com effeito, se a fecundação é o caracter distinctivo do genero como explicar-se o crusamento, ás vezes fecundo outras vezes infecundo, entre especies distinctas? Repetimos: para que a fecundação seja o criterium da especie era mister que a experiencia fosse repetida entre todas as especies, ou ao menos na mór parte das especies animaes, e assim não foi. Entre estas verificaram-se crusamentos fecundos—outros infecundos, a experiencia em pequena escala, e sobre bases tão fracas erigiram a fecundação com o distinctivo da especie. Além disso, nas raças humanas não se observa, não está hoje provado que os mestiços resultantes de duas raças diversas, em geral se misturam com as especies que os produziram?

(27) O Dr. Clavel diz que a especie humana representa a fixidade; a raça a variabilidade. *Obra cit. Etude 1.*

(28) Remusat. *Obra cit. pag. 35 e seg.*

Portanto a fecundação, como caracter específico, admittida como base da classificação das especies—traz o inconveniente de ser impossivel verifica-la n'um grande numero de casos. (29)

Si assim é, se nem sempre a fecundação e só a fecundação póde estabelecer uma base certa, constante, invariavel, é mister concluir-se :

O systema dos unitarios é questionavel, offerece no ataque pontos fracos e vulneraveis; e o systema dos polygenistas, prevalecendo-se da fraqueza de seu adversario, pretende legitimamente provar a multiplicidade de especie humana.

Da mal esboçada exposição que fizemos resulta esta verdade : Que entre as sociedades humanas, ou melhor, que entre os homens existem differenças ethenicas permanentes, radicaes, typos distinctos que se tem conservado puros e inalteraveis através de todas as idades, de climas e regimens diversos, e, como mostraremos tambem, sob influencias de civilisações oppostas.

Mas antes de verificar-mos a existencia destes caracteres, vejamos, em resumo, a opinião de mais alguns auctores sobre a questão das raças humanas.

(Continúa.)

Galvão Bueno.

BIBLIOGRAPHIA E CRITICA LITTERARIA.

II

O ARREPENDIMENTO—*Conto historico de S. da Rocha Pombo.*—1 volume 1862.

O primeiro capitulo do *Conto Historico* contém, em preciso resumo, a glorificação do heroismo admirado e talvez maravilhoso dos antigos Paulistas, e ligeiros traços d'um grande assumpto que pertence ao historiographo da Franca. O author quiz, na dedicatória, desarmar os criticos previnindo-lhes de que a sua publicação não aspirava gozar um juizo litterario; deixou de recommendar ou prohibir aos que *arengam* e não s'explicam bem nestas cousas. Eu que me

(29) Remusat, obra cit. pag. 3^a.

tenho nessa plana apresento-me, e peço licença para lhe offerter algumas palavras; é um tosco presente, bem o sei, porém ha pessoas que sómente vivem para inspirar asco e raiva ás outras.—
Lessez moi aller...

E' possível que alguém, algum critico, indignado ao vêr-me tratar destas couzas tam reservadas, tam privativas do talento inventivo, e não do *plagiario*, se anime a escudar os fracos e os que escrevem: ao author do *C. Historico*—diga:—*Siste vel ambulat...*

Eu podia deixar de mencionar a publicação de que fallo, se tivesse estremecido nas ruas da amargura por onde passam os loucos que vivem de alinhar rhimas e repetir, com enthusiasmo, os nomes e as glorias da gente de letras, tam desprezada pelos *lobos cervaes do Balcão*, porém querida e adorada pelos eleitos da intelligencia! Podia, em vez da pena, manear o taco, e em vez do livro, prender-me á carambóla; mas isto era torcer a vocação e desconhecer a verdade do poeta:—

Nec omnia sunt omnes.

Assim cada um com a sua mania. Eu tenho tido esta que pouco é aproveitavel, mas quem póde cansar o destino?

Permissão, portanto, quero entrar em materia.

Differentes e escolhidos são os episodios do *Conto Historico*; tomarei o que o author apresenta como um accidente e nelle vou achar motivos para justificar a necessidade que tive de fallar do seu ensaio.

Quem não tivesse lido a *Historia* ou não conhecesse a *corographia Brazilica*, lendo o trabalho litterario de R. P. decoraria a nomenclatura dos factos e teria pelo registro dos crimes a historia das perseguições e os nomes dos facinorosos que flagellaram, por muito tempo, algumas villas e cidades desta provincia, em tempos que foram, em tempos do reinado da força.

Tambem admiraria, como foi grande aquella epocha de homens valentes e generosos, de invenciveis exploradores, de energicos combatentes, de tudo que se distinguio nas lutas d'uma era em que o author, em synthese, deixou entrevêr através d'um estygma que a historia lança e o direito sanciona; estygma o um brado de reprovação contra os erros d'aquelles que se excederam na voragem da ambição e foram seduzidos pelos aventureiros d'outras terras; estygma que se trasforma em um grito patriotico aos brios desta bellicosa gente que *Amador Bueno* ennobrececeu e que nunca deixará apagar-se, dos évos de seus antepassados, a legenda immorredoura de tam agigantadas victorias.

Tem razão o author.

Do Brazil, foram os Paulistas os primeiros certanejos que levaram

do Rio de Janeiro amostras de ouro achado em Minas Geraes : Carlos Pedrozo d'Oliveira e Bartholomeu Bueno Siqueira.

O Maranhão, sem esperança de vêr em seu solo vingar a lavoura, foi protegido, vio-se salvo quando o genio cultivador dos Paulistas, lá imprimiu o sêllo do trabalho na parte da terra inculta. Assim foi que as primeiras fazendas de criar, foram fundadas pelos Paulistas. Thomaz Cavendisk—o celebre pirata inglez, que infestava muitas povoações, e por ultimo a de S. Vicente foi obrigado a retirar-se desesperado pela resistencia que encontrou da parte dos Paulistas.

II

Este genero de trabalho litterario tem sido pouco cultivado entre nós e a razão é obvia porque é mais facil escrever-se o romance do que o conto historico.

A litteratura, em outros paizes, se desenvolve, cresce e particularisa o caracter, a indole do povo que ella representa, porque vive daquelles costumes, de tudo enfim que entra, que constitue a vida d'uma nação.

A ballada, o dythirambo, a satyra, a ode, a canção e até o Madrigal, tudo diz o nome da pessoa, tudo representa a natureza daquelle dia, tudo se refere aos acontecimentos do logar; é assim que ha romances que principião e terminão a sua acção sem irem de rua á rua, de cidade á cidade, como acontece entre nós; o que o poeta conta ou affirma verdadeiro ou falso, o faz conhecido porque dá a topographia, mostra o theatro da acção; é este o ponto pelo qual as litteraturas d'outros paizes nos excedem ainda; nós gostamos muito do phantastico porque somos ainda infantes, por isso ha publicações que trazem o sêllo de nacionalidade—no nome do author que é conhecido, ou pela typographia que está no Brasil. Grave erro!

Romances conheço alguns de lavra academica, que nem pôdem apparecer em concurso com as dissertações de meninos que, nos collegios, fazem ensaios de critica á instancia do professor que em certos dias não quer explicar a lição.

Romances tenho eu lido, porque leio tudo que se publica, para não ter a levandade de fallar do que não conheço, os quaes envergonharão os brazileiros se por desgraca elles forem lidos na Europa, até direi no Rio de Janeiro, porque esses romances de que fallo sôrão publicados aqui e é bem provavel que eu os traga ao meu balcão para tritural-os porque com as mediocridades, com esses que tem estylo de carcereiro e a linguagem e pilherias de tabelião de Provincia, ou porteiro de Secretaria, com esses eu posso.

(Continúa.)

Pessanha Póvoa.

POESIAS.

Crenças.

II

Que pobre humanidade!... Ella surri-se...
—Além caminha o carro funerario,
E nem pensão no morto que vae dentro
Seguindo para um leito solitario.

Meu Deus, eu creio em ti, como na vida
Passei sempre a scismar nesta verdade:
« A paz da consciencia, Deus e a morte,
Trindade que nos leva á Eternidade. »

Que valem nossos sonhos de futuro?
A gloria?... um extasi amoroso?...
E' tudo phantasia—um sonho apenas,
E vamos descaçar n'um chão lodoso!

Homens loucos, phantasmas sonhadores
Adorando na terra a divindade,
Que s'encarna em um obulo dourado!...
Porque vos afundaes na escuridade?

Esses craneos por terra confundidos
De tantas gerações amortalhadas,
O passado entre as lagrimas perdido,
As glorias pelos martyres sonhadas

Não géra em vossos peitos a verdade?
Oh! malditos, que somos nesta vida,
Em torpes ambições nos revolvendo
A voz nas orações emudecida.

Um olhar para Deus nem levantamos,
—Nos labios a mentira. O pensamento
Refervendo na febre crapulosa
Que nos prostra no frio desalento.

Vossas fronteas branquêão velhos mundos,
Não lanceis o sorriso desdenhoso
Ao triste muribundo.—Joelhae-vos
E' tempo de invocar um Deus piedoso.

Amanhã dormireis no esquecimento
 Nas trévas dessa duvida pungente
 Do « ser » e do « não ser »—triste mysterio
 Qu'involve a criação eternamente !

Do « ser » e do « não ser », negra questão
 Qu'enlouquece e despenha pelo abysmo
 O pobre pensamento que s'esforça...
 Fraquêa... e vae morrer no scepticismo.

Involto no seu manto de miseria
 Novos Icaros vão n'uma loucura
 Os monarchas subindo além das nuvens
 E logo—eil-os por terra em noite escura !...

Deus oh ! Deus, amo a voz das sepulturas
 Que revela-me inteira esta existencia,
 Amo a cruz qu'eloquente se levanta
 Nos provando a sombria contingencia...

J. DE BARROS JUNIOR.

Noite de amor.

POR J. DE BARROS JUNIOR.

Era tudo na terra silencio,
 E no céu as estrellas sonhavam ;
 Só se via no mar solitario
 Um barquinho que as agoas beijavam.

Duas sombras ahi bem chegadas
 Suspiravam nos labios ardentes ;
 Erão doces as fallas ouvidas
 Pelos ventos nas agoas trementes.

E a lua bem clara do céu
 Reflectia na fronte morena
 Do poeta, que tinha a seu lado
 Bella imagem na noite serena !

Ella tinha seus negros cabellos
 No mysterio dos seios perdidos,
 A gozar o seu halito doce
 E os segredos à noite nascidos.

Seus humidos olhos voltava,
 Tão bellos ! por noite brilhante,
 E n'um extasi santo ella ouvia
 Harmonias do pallido amante.

O poeta na mão dedilhava
 Uma lyra de cordas sentidas,
 Recordava o passado amoroso,
 Bellas noites em sonhos perdidas.

Recordava uma lagrima fria
 Desprendida no pallido leito
 —Essa vida em ciumes tremendos,
 Só de dôres vasadas no peito.

Sua vida por ella vivida
 —Ella só—seu fanal d'esperança,
 Seu batel na existencia brilhante
 A vogar nas marés de bonança.

A formosa seus olhos erguendo
 N'um profundo gemido dizia:
 « Meu amor a minh'alma suspira!
 Já não vês que estou pallida e fria? »

Só reinou apoz isto o silencio,
 Uma nota sequer nem vibrava,
 Erão mudos os labios; e triste
 A neblina no mar s'espalhava.

E gozavão ainda as venturas
 Com seus braços de manso enlaçados
 No balanço das agoas dormindo,
 Já fechados seus olhos cançados!

Era assim que nas agoas boiando
 Pela noite a barquinha amorosa,
 Lá se via nas horas tardias
 N'alto mar, solitaria e mimosa.

A neblina era o véo que cobria
 Esse leito das agoas banhado,
 O luar não luzia tão claro,
 Era tudo sombrio e calado!...

ERRATAS.

Pagina	—243—	linha	—43—	por	—de vida—	lêa-se—	da vida
»	244	»	6	»	final	:—final	;
»	»	»	8	»	futil	—fertil	
»	»	»	12	»	Washington	—de Washington	
»	»	»	»	»	brado de Washington	—brado,	supprima-se o resto
»	»	»	40	»	passa	—passae	
»	245	»	17	»	do amor da igualdade	—do amor e da igualdade	
»	246	»	30	»	a realisarião	—a realisaria	
»	»	»	43 e 44	»	os memoraveis cantos	—as memoraveis cartas	
»	247	»	16	»	Nação	:—Nação,	—
»	248	»	6	»	Povo	—Povo!	
»	»	»	»	»	vivea	—vives	